



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM E FORMAÇÃO
DOCENTE - LINFOR

VICTOR HUGO ALVES DA LUZ RAMOS

**AS TIRINHAS DE LAERTE COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO PARA A
EDUCAÇÃO EM DIVERSIDADE E GÊNERO NO ENSINO MÉDIO**

Recife,
2024

VICTOR HUGO ALVES DA LUZ RAMOS

**AS TIRINHAS DE LAERTE COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO PARA A
EDUCAÇÃO EM DIVERSIDADE E GÊNERO NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Estudos da Linguagem e Formação Docente da Universidade Federal de Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Estudos da Linguagem e Formação Docente.

Orientadora: Prof^a Dr^a Julia Maria Raposo
Gonçalves de Melo Larré

Recife.

2024

VICTOR HUGO ALVES DA LUZ RAMOS

**AS TIRINHAS DE LAERTE COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO PARA A
EDUCAÇÃO EM DIVERSIDADE E GÊNERO NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Estudos da Linguagem e Formação Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Estudos da Linguagem e Formação Docente.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Julia Maria Raposo Gonçalves de Melo Larré (Orientadora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Ms. Mailson José do Carmo (Examinador)
SEE/PE

Prof^a. Dr^a. Suzana Ferreira Paulino Domingos (Examinador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

AS TIRINHAS DE LAERTE COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO PARA A EDUCAÇÃO EM DIVERSIDADE E GÊNERO NO ENSINO MÉDIO

Laerte's comic strips as a teaching tool for diversity and gender education in high school

Victor Hugo Alves da Luz Ramos - LINFOR (UFRPE)

Julia Maria Raposo Gonçalves de Melo Larré - LINFOR (UFRPE) - orientadora

RESUMO

Este artigo investiga como as tirinhas da personagem Muriel, da cartunista Laerte, podem ser empregadas como instrumento didático para a educação em diversidade e gênero no ensino médio. A pesquisa é de natureza qualitativa e utiliza a Análise do Discurso como metodologia, sendo fundamentada na teoria de Michel Foucault (1995) para explorar as práticas discursivas e as relações de poder que moldam as representações sociais de gênero, nos Problemas de Gênero de Judith Butler (2007), que aborda a construção social e performatividade de gênero, e na noção de LGBTfobia, segundo Melo (2017). O estudo realiza uma leitura crítica das tirinhas, examinando a representação e problematização de questões como identidade, diversidade e gênero. As categorias de análise incluem a construção da subjetividade, gênero como construção social, performatividade de gênero e LGBTfobia. O objetivo é destacar o potencial das tirinhas de Laerte como ferramentas pedagógicas para estimular uma reflexão crítica sobre normas sociais e identitárias, promovendo a inclusão e combatendo a discriminação e a intolerância no ambiente escolar.

Palavras-chave: Laerte, discurso, ensino, diversidade, gênero.

ABSTRACT

This article investigates how the comic strips featuring Muriel, a character by cartoonist Laerte, can be used as a didactic tool for teaching about diversity and gender in high school. The research is qualitative in nature and employs Discourse Analysis as its methodology, drawing on Michel Foucault's theory (1995) to explore the discursive practices and power relations that shape social representations of gender, on Judith Butler's *Gender Trouble* (2007) regarding the social construction and performativity of gender, and on Melo's (2017) concept of LGBTphobia. The study conducts a critical reading of the comic strips, examining the representation and problematization of issues such as identity, diversity, and gender. The categories of analysis include the construction of subjectivity, gender as a social construct, gender performativity, and LGBTphobia. The aim is to highlight the potential of Laerte's comic strips as pedagogical tools to foster critical reflection on social and

identity norms, promoting inclusion and combating discrimination and intolerance within the school environment.

Keywords: Laerte, discourse, teaching, diversity, gender.

INTRODUÇÃO

As discussões sobre gênero têm ganhado cada vez mais visibilidade no Brasil, especialmente no contexto educacional (LOURO 1997, 2000), (JUNQUEIRA *et al.*, 2007), (CARRARA 2015). No entanto, o país ainda enfrenta altos índices de preconceito e discriminação contra a população LGBTQIAPN+, principalmente transsexuais e travestis, o que impede a plena inclusão e o respeito à diversidade de identidades. Nos últimos anos, o debate sobre as questões de gênero tem se intensificado, refletindo-se nas pautas políticas, sociais e culturais, desafiando as estruturas normativas que marginalizam indivíduos fora dos padrões cisgêneros e heteronormativos. Um exemplo marcante foi o debate sobre “ideologia de gênero” nas eleições de 2018, onde políticos e grupos religiosos deslegitimaram a importância dessa discussão na sociedade, especialmente nas escolas.

Nesse contexto, torna-se relevante investigar de que maneira as tirinhas da personagem Muriel, da cartunista Laerte, podem ser utilizadas como instrumento didático para promover a educação em diversidade e gênero no ensino médio, contribuindo para a reflexão crítica sobre normas sociais, inclusão e o combate à discriminação. Este estudo busca analisar o potencial educativo das tirinhas. Entre os objetivos destaca-se: investigar como as tirinhas de Muriel problematizam questões de gênero e diversidade; e explorar o potencial de sua aplicabilidade como recurso didático no ensino médio.

A escolha das tirinhas da personagem Muriel, se justifica pela maneira sensível e crítica com que aborda questões de gênero, identidade e diversidade. Muriel, uma personagem trans, oferece uma perspectiva única e atual sobre os desafios enfrentados por pessoas que fogem das normas cisgêneras, tornando as tirinhas uma ferramenta rica para promover discussões significativas e reflexões no contexto educacional. A obra de Laerte, além de ser amplamente reconhecida no cenário cultural brasileiro, permite aos estudantes do ensino médio questionar e desconstruir preconceitos, favorecendo o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as questões de gênero.

O Ensino Médio é o contexto escolhido, pois é um período crucial de formação da consciência crítica dos estudantes, em que questões de identidade, gênero e diversidade emergem com intensidade. As tirinhas da autora são ferramentas acessíveis que podem estimular debates fundamentais para desconstruir preconceitos e promover inclusão no ambiente escolar.

O Brasil é um dos países mais perigosos para pessoas LGBTQIAPN+. Segundo o Grupo Gay da Bahia - GGB (2022), 256 pessoas LGBTQIAPN+ foram assassinadas no Brasil, a maioria sendo mulheres trans e travestis. O país lidera os rankings globais de assassinatos de pessoas trans e travestis. Padrões cisgêneros referem-se às normas e expectativas sociais que privilegiam pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento, em oposição a pessoas transgênero ou não-binárias. O conceito sugere que a cisgeneridade é vista como o “normal” ou “natural” em uma sociedade, enquanto identidades trans são marginalizadas ou vistas como "desvios" dessas normas (MEDRADO; THULER, 2020).

A heteronormatividade descreve a forma como a sociedade pressupõe que a heterossexualidade é a norma ou padrão natural, e que as relações e identidades de gênero devem seguir uma lógica binária. Espera-se que as pessoas sigam padrões convencionais de comportamento de gênero, como homens sendo masculinos e mulheres femininas (LOURO, 2004). Essas normas cisheteronormativas reforçam a exclusão de identidades dissidentes e contribuem para a violência e marginalização de pessoas trans.

Sobre isso, Butler (2007) alerta que a repetição das normas de gênero cria a ideia de que o gênero é algo natural e imutável. Para contestar essa visão, ela propõe a ideia de performatividade de gênero, que defende a fluidez e adaptação do gênero conforme o contexto histórico, desconstruindo as identidades binárias impostas. Butler (2003) ainda sustenta que o gênero é uma construção cultural, moldada pela sociedade, e não algo pré-existente. Portanto, o gênero é uma construção social, dinâmica e não estática, desafiando a visão colonial que o vê como imutável.

Identidades binárias referem-se à divisão rígida entre duas categorias de gênero – homem e mulher – tratadas como opostas e exclusivas, com expectativas de comportamento correspondentes ao sexo atribuído ao nascimento (Bento, 2006). Nesse cenário, as escolas têm um papel transformador ao promover respeito à diversidade e combater a discriminação. As tirinhas, com sua crítica social, tornam-se um recurso valioso no ensino médio, incentivando a reflexão crítica sobre normas de gênero e promovendo uma educação inclusiva e combatendo a LGBTfobia.

Para Melo (2017) a LGBTfobia é uma forma de hostilidade dirigida a indivíduos que têm desejos ou práticas sexuais homoeróticas, bem como àqueles que não se conformam com o gênero atribuído ao nascimento. Esse preconceito envolve a rejeição de sexualidades e identidades de gênero que não se alinham com as normas heterossexuais ou cisgêneras, criando uma hierarquia entre as diferentes formas de sexualidade e identidade de gênero e por isso deve ser combatida em favor de uma sociedade que respeite a diversidade.

No campo teórico, este estudo se fundamenta em importantes contribuições de autores que ajudaram a construir as bases para a análise das práticas discursivas e das relações de poder que moldam as representações sociais de gênero. Michel Foucault (1995-2007), por exemplo, oferece uma perspectiva crítica ao compreender as práticas discursivas como mecanismos de construção da subjetividade e de controle social, apontando como as normas de gênero são produzidas e reforçadas por discursos dominantes.

Já Achard (1999), ao discutir a relação entre língua e sujeito, enfatiza a importância das palavras e expressões no processo de construção e reconhecimento da identidade, especialmente no que se refere à experiência de sujeitos marginalizados. Para ele, as palavras e expressões utilizadas no discurso são centrais na forma como os sujeitos são reconhecidos e se reconhecem em suas identidades sociais e políticas. Achard (1999) destaca que a linguagem é um espaço de luta, onde identidades sociais são constantemente negociadas, desafiadas ou reafirmadas. Além disso, a reflexão de Louro (2000) sobre os corpos como símbolos de significação social contribui para compreender como as identidades de gênero são visibilizadas e disciplinadas na sociedade, através de representações culturais e práticas normativas.

Ainda, é necessário, de acordo com Silva (2007), destacar as análises de gênero dentro de contextos espaciais, como, por exemplo, o espaço urbano, o espaço doméstico e os espaços institucionais. Esses contextos se configuram como arenas onde as dinâmicas de poder, hierarquias e desigualdades de gênero se manifestam e são continuamente (re)negociadas. A metodologia qualitativa, adotada neste estudo, permite uma análise aprofundada e sensível das tirinhas de Laerte, pois se compromete com a compreensão das subjetividades e das experiências vividas pelos sujeitos representados nas obras. A Análise do Discurso de linha francesa, com seu foco nas práticas discursivas, pode se mostrar particularmente adequada para explorar as nuances de como os discursos sobre gênero são construídos e desafiados nas tirinhas.

Desta maneira, podemos pensar no trabalho didático-pedagógico para ensino de língua e linguagem com tirinhas de Laerte a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva sobre as dinâmicas de poder e resistência no campo das identidades de gênero, incluindo esta perspectiva no espaço escolar através de atividades de análise e interpretação de textos e mídias.

1. ANÁLISE DO DISCURSO: CONTRIBUIÇÕES

A Análise do Discurso (AD) de linha francesa¹ é uma corrente teórica que emerge a partir dos anos 1960 e se distingue pela sua abordagem interdisciplinar,

¹ A escolha pela Análise Discursiva Francesa (AD) se justifica pela sua ênfase nas relações de poder, práticas discursivas e construção de sentido, elementos essenciais para compreender como as tirinhas da personagem

que interage com a filosofia, a psicanálise e a teoria crítica. Seu foco principal é entender como a linguagem constroi sentidos e reflete as estruturas sociais, culturais e ideológicas. A AD não se limita à descrição dos enunciados linguísticos, mas investiga as condições sociais e históricas que influenciam a produção e a recepção dos discursos, buscando, assim, revelar as relações de poder subjacentes aos textos.

Para uma compreensão mais aprofundada dos estudos da Análise do Discurso, utilizaremos as contribuições de Gregolin (2003), Fernandes (2012) e Foucault (2008), sendo Foucault uma das figuras fundamentais na constituição desses estudos, que vão além das questões puramente linguísticas. De acordo com Gregolin (2003), a linguagem é, em última análise, influenciada pela ideologia, uma vez que não existe uma relação direta entre as representações e a língua.

A ideia de Gregolin (2003) de que a linguagem é profundamente marcada pela ideologia parte do pressuposto de que não há uma relação direta, transparente ou neutra entre a língua (o sistema de signos) e as representações sociais (formas como percebemos e representamos o mundo). Ao invés disso, essa relação é mediada por formações discursivas, que são conjuntos de regras e normas que organizam o que pode ser dito, pensado ou representado em um determinado contexto social.

Segundo Gregolin (2003) essas formações discursivas são moldadas por relações de poder e ideologia, o que significa que a maneira como as pessoas falam, pensam e representam o mundo está sempre atravessada por interesses ideológicos. Por exemplo, ao falar sobre questões de gênero, a linguagem utilizada não é neutra; ela é influenciada por discursos dominantes que reproduzem certas ideologias sobre papéis de gênero, desigualdade e diversidade. Em seu estudo, a autora destaca como o discurso constroi realidades e identidades, e essa perspectiva pode ser valiosa no trabalho com tirinhas de Laerte, especialmente no contexto da educação em diversidade e gênero.

Ainda sobre as contribuições da AD, um dos principais nomes dessa vertente é Michel Pêcheux (1938-1984), que teve um papel fundamental na consolidação da AD na França. Influenciado pela psicanálise de Freud e Lacan, Pêcheux introduz o conceito de "formação do sujeito" e de "ideologia" na análise discursiva. Para ele, o sujeito é construído pelo discurso, que está sempre em movimento e é permeado por contradições. O conceito de ideologia em sua obra é fundamental para entender como os discursos operam na constituição de sentidos que sustentam as relações de poder.

Muriel abordam questões de gênero, identidade e normas sociais. A AD francesa permite analisar de forma crítica e educativa como essas produções desafiam estereótipos, promovem reflexão sobre as construções sociais e oferecem uma ferramenta poderosa para o debate sobre inclusão e diversidade, fundamentais no contexto educacional.

Para Pêcheux (1969), a ideologia desempenha um papel central na forma como os sujeitos se constituem e se posicionam na sociedade através da linguagem. O conceito-chave em sua teoria é o de que a ideologia não é simplesmente um conjunto de ideias ou crenças conscientes, mas um processo inconsciente pelo qual os indivíduos são interpelados como sujeitos dentro de um determinado sistema social. Em seu trabalho *Análise Automática do Discurso*, o autor afirma que a linguagem materializa a ideologia, pois o discurso, não neutro, organiza os sentidos e posições dos sujeitos conforme formações discursivas que refletem e reproduzem as relações de poder.

Grande inspiração para os estudos de Pêcheux, outro importante nome da Análise do Discurso francesa é o filósofo e sociólogo Althusser. Ele desenvolve a ideia de que os discursos têm uma função ideológica, ou seja, eles são responsáveis por manter a ordem social e reproduzir as ideologias dominantes.

Segundo Althusser (1996), a ideologia não deve ser entendida como uma "falsa consciência", no sentido atribuído por Marx, mas sim como a forma pela qual os indivíduos vivenciam suas relações com as condições materiais de sua existência. Essa vivência não se dá apenas no plano das ideias ou ilusões, mas está profundamente enraizada na prática cotidiana. Além disso, as formações ideológicas incluem uma ou mais formações discursivas, o que implica que, em determinadas conjunturas, certos discursos são possíveis ou necessários a partir de posições específicas. Assim, o que é dito ou silenciado em uma sociedade depende dessas formações ideológicas e da conjuntura material em que se inserem.

A ideologia, mesmo de forma inconsciente, é a base material do discurso, que define e atribui significado ao sujeito por meio de suas interações sociais, ajustando-o aos diferentes contextos mediadores de sua formação discursiva. Althusser contribui com a noção de "aparelhos ideológicos de Estado", que são instituições como a escola, a mídia e a igreja, que utilizam discursos para moldar a subjetividade dos indivíduos e garantir a perpetuação do sistema.

As tirinhas de Laerte, além de serem entretenimento, são veículos de discurso ideológico que abordam questões de gênero, identidade, sexualidade e diversidade, desafiando normas sociais dominantes e expondo ideologias que sustentam desigualdades. Quando utilizadas como instrumento didático, elas podem promover reflexões críticas sobre a representação de gênero na sociedade, desconstruindo estereótipos e questionando expectativas tradicionais, ao mesmo tempo que oferecem novas possibilidades de significação e identidade.

Além disso, a psicanálise de Jacques Lacan tem grande influência na AD, especialmente com a ideia de que o sujeito é marcado por um "inconsciente" estruturado como uma linguagem. Para Lacan, a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também uma estrutura que constitui o sujeito,

refletindo suas tensões internas e sociais. A linguagem, nesse sentido, é vista como um campo de forças, que não pode ser compreendido apenas por meio de suas formas superficiais ou gramaticais.

As tirinhas de Laerte, especialmente após sua transição de gênero, se destacam por desconstruir estereótipos e normas tradicionais de gênero. Ao incorporar temas como a fluidez de identidade e a pluralidade de experiências, suas obras desafiam as representações hegemônicas e rigidamente binárias. A partir da perspectiva lacaniana, essas tirinhas podem ser vistas como instrumentos que oferecem novas narrativas e possibilidades de identificação, ao mesmo tempo em que revelam as falhas e contradições no discurso dominante sobre gênero.

A Análise do Discurso também se alimenta das contribuições de outros teóricos, como Roland Barthes, que, embora não esteja diretamente vinculado à AD, influenciou a análise de como os significados são produzidos pelos discursos. Barthes explora a ideia de que os textos podem ser "desmontados" para revelar os múltiplos sentidos que a cultura atribui a eles. Sua noção de "mito" e "semiótica" é um ponto de partida importante para a compreensão da AD, pois permite observar como os discursos estão imersos em uma rede de significados culturais.

Fernandes (2003) afirma que o discurso vai além das formalidades linguísticas, sendo um elemento que subjetiva o sujeito e cria sentidos, refletindo uma complexidade ligada à sua exterioridade à língua. Ele é entendido no contexto social, onde se destacam os aspectos ideológicos e históricos que marcam a existência dos discursos em diversos contextos sociais.

Tabela 1 - Conceitos de Discurso

Autor	Obra	Ano	Conceito de Discurso
Pêcheux	Análise Automática do Discurso	1969	O discurso constitui o sujeito, materializando ideologias inconscientes e refletindo as relações de poder.
Althusser	Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado	1970/1996	O discurso mantém a ordem social e reproduz ideologias dominantes, moldando o sujeito por meio de interações sociais e instituições ideológicas.
Foucault	A Arqueologia do Saber	2008	O discurso constroi realidades e identidades, refletindo relações de poder e conhecimentos dominantes.
Gregolin	Análise do Discurso: lugar de	2003	A linguagem é influenciada por ideologias e moldada por formações discursivas, refletindo

	enfrentamentos teóricos		e reproduzindo relações de poder.
Fernandes	Discurso e sujeito em Michel Foucault.	2012	O discurso vai além da linguagem, subjetivando o sujeito e refletindo aspectos ideológicos, históricos e sociais.

Fonte: O autor; 2025

A abordagem da AD de linha francesa tem grande impacto nos estudos de linguística e nas ciências sociais, pois promove uma compreensão da linguagem além da semântica e da gramática. Conforme Gregolin (2003) ao enfatizar a relação entre discurso e poder, a AD permite analisar como as representações sociais e as ideologias são difundidas e naturalizadas por meio da linguagem. Isso é particularmente relevante em contextos de estudo de mídia, política e educação, onde os discursos desempenham um papel central na construção da realidade social.

Ainda de acordo com Gregolin (2003), em termos metodológicos, a AD de linha francesa busca compreender como os enunciados são organizados e como funcionam no interior de uma rede discursiva mais ampla. A análise de corpora textuais, em vez de textos isolados, é uma característica marcante da abordagem, pois permite perceber os jogos de sentido que emergem na interação entre diferentes discursos e contextos históricos. Para isso, a AD propõe uma leitura crítica que vai além do superficial e investiga as ideologias que sustentam as construções de sentido.

Por fim, a Análise do Discurso de linha francesa oferece uma contribuição significativa para os estudos da linguagem, pois não se limita ao estudo da estrutura linguística, mas adentra as questões sociais, políticas e ideológicas que permeiam os textos. Sua abordagem interdisciplinar e crítica da realidade social e do sujeito, aliada ao entendimento da linguagem como um campo de poder, faz com que seja uma ferramenta indispensável para aqueles que buscam compreender como os discursos moldam a sociedade e, conseqüentemente, os indivíduos.

1.1 DISPOSITIVO TEÓRICO-METODOLÓGICO: O DISCURSO

Na teoria da Análise do Discurso de linha francesa, o conceito de discurso vai além da simples utilização da língua para comunicação. O discurso é compreendido como uma prática social que vai além das palavras e estruturas linguísticas, envolvendo a produção de sentidos e significados em contextos históricos e culturais específicos. Ele está imerso em relações de poder e ideologia, sendo capaz de moldar as identidades dos sujeitos e influenciar a realidade social em que estão inseridos.

Dentro dessa abordagem, Fernandes (2012) aponta que a linguagem não é vista como algo neutro, mas como um campo atravessado por ideologias que influenciam a percepção do mundo. O discurso, portanto, não é apenas um reflexo da realidade, mas uma prática ativa que constroi e redefine a maneira como as pessoas se relacionam com o mundo e com os outros. Ele tem o poder de constituir os sujeitos e suas identidades de acordo com as condições ideológicas e sociais presentes em um determinado contexto.

Além disso, o discurso exerce uma função de manutenção e reprodução das estruturas sociais existentes. Ao circular nas diversas esferas da sociedade, ele transmite e solidifica as normas e valores dominantes, ajustando os indivíduos às expectativas sociais. De acordo com Fernandes (2012), o discurso tem um papel crucial na perpetuação das relações de poder, sendo uma ferramenta que ajuda a consolidar o *status quo*, ao mesmo tempo em que possibilita a resistência e a contestação.

Portanto, como vimos anteriormente, o conceito de discurso na Análise do Discurso de linha francesa é multifacetado, envolvendo não apenas a construção de significados linguísticos, mas também a relação intrínseca entre linguagem, poder e ideologia. A análise do discurso permite compreender como as práticas discursivas contribuem para a formação do sujeito e para a construção da realidade social, revelando os mecanismos de controle e resistência presentes na sociedade.

As tirinhas de Laerte, serão aqui analisadas sob a perspectiva da Análise do Discurso, busca-se investigar como o discurso contribui para a construção de significados em torno da diversidade e do gênero. Entender como as tirinhas enquanto práticas discursivas podem refletir e ao mesmo tempo moldar as percepções sociais sobre gênero, sexualidade e identidade. Acredita-se que ao inserir essas temáticas em contextos cotidianos e culturais, o texto de Laerte ajuda a desconstruir normas heteronormativas e binárias de gênero e pode proporcionar aos leitores uma visão crítica e alternativa. A análise discursiva dessas tirinhas pretende investigar como os personagens, diálogos e imagens transmitem ou contestam as ideologias dominantes sobre gênero, mostrando como as identidades são constituídas e redefinidas dentro dos discursos sociais e culturais.

Visando a utilização das tirinhas como instrumentos didáticos, será analisado como os discursos representados nestas práticas discursivas solidificam ou questionam as normas e valores tradicionais sobre o que é considerado "normal" ou "desviante". Ao explorar os sentidos produzidos nos textos e imagens, busca-se entender como educadores podem trabalhar com os alunos questões relacionadas às expectativas sociais sobre o comportamento de gênero, o corpo e a sexualidade, proporcionando um espaço para discutir criticamente as estruturas de poder que sustentam a discriminação e a marginalização de identidades LGBTQIAPN+, além da abertura de caminhos para a contestação e resistência a essas estruturas, promovendo uma educação mais inclusiva e consciente da diversidade.

1.2 O SUJEITO EM MICHEL FOUCAULT

O conceito de sujeito, para Foucault (1995), não se refere a uma essência estável e preexistente, mas a um constructo histórico e social, que emerge por meio das práticas discursivas e das relações de poder. Foucault propõe que o sujeito é formado e transformado pelo discurso, sendo um produto das condições e dos mecanismos de poder presentes em uma sociedade. O sujeito, assim, não é o centro do saber, mas está subordinado a forças que o definem e o limitam. O sujeito não controla tudo sobre si mesmo; ele é moldado por forças maiores, como as normas sociais, culturais e ideológicas ao seu redor. Essas forças influenciam quem ele é e como ele age, sem que ele perceba totalmente.

Na Análise do Discurso, esse conceito de sujeito é central, pois a teoria assume que a identidade do indivíduo é constantemente moldada pelas práticas discursivas em que ele está inserido. Segundo Fernandes (2012), o discurso não apenas transmite significados, mas também constitui o sujeito em sua forma, criando as condições para a construção de subjetividades. Nesse sentido, o sujeito é visto como algo fluido, que se transforma de acordo com os discursos que circulam em diferentes contextos sociais e históricos.

A teoria da Análise do Discurso, ao adotar a noção de sujeito foucaultiana, enfatiza a ideia de que as identidades não são autônomas, mas estão sujeitas a normas e práticas de poder que determinam como os indivíduos devem se comportar e pensar. Dessa forma, o discurso é um campo onde o sujeito é continuamente regulado, tanto por elementos explícitos quanto por normas implícitas que orientam os comportamentos sociais. Conforme Foucault (1995), o sujeito é, portanto, marcado pela ideologia dominante e pelas estruturas sociais que condicionam seu agir.

Foucault, em suas reflexões sobre a sexualidade, investiga como os indivíduos se constituem como sujeitos através dela, considerando que o sexo não é apenas uma prática física, mas um campo profundo do sujeito, em que este foi historicamente incitado a produzir discursos e saberes sobre si mesmo. Em *O Uso dos Prazeres*, ele analisa como os gregos tratavam a sexualidade, com uma abordagem ética que envolvia cuidado com o corpo e a casa, e em *O Cuidado de Si*, amplia essa análise para a constituição do sujeito, mostrando que a sexualidade está intimamente ligada à forma como o indivíduo se relaciona consigo mesmo (FOUCAULT, 2007).

A Análise do Discurso de linha francesa, ao utilizar esse conceito de sujeito, busca revelar como os discursos que circulam em uma sociedade constroem as identidades e as subjetividades. A partir dessa perspectiva, a teoria propõe uma leitura crítica das relações de poder, mostrando como elas se manifestam nos discursos e moldam os sujeitos. A análise do discurso, portanto, é uma ferramenta

para compreender não apenas as estruturas linguísticas, mas as condições históricas e sociais que produzem e sustentam as identidades e os sujeitos na sociedade.

2. QUESTÕES DE GÊNERO NO BRASIL: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

As questões de gênero no Brasil têm uma trajetória marcada por desafios sociais, culturais e políticos, refletindo, ao longo do tempo, as dinâmicas de poder, normas e identidades impostas pela sociedade. Historicamente, o país tem vivenciado uma forte heteronormatividade, onde a identidade de gênero e a sexualidade são rigidamente definidas, principalmente a partir das influências religiosas e patriarcais. A heteronormatividade impõe que meninos e meninas sigam comportamentos e profissões específicas, com base no gênero. Isso limita a liberdade individual e reforça papéis rígidos. Quem foge desses padrões enfrenta marginalização.

A luta por direitos e reconhecimento das pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil, especialmente a partir da década de 1980, intensificou-se com movimentos sociais, embora a discriminação e a violência ainda sejam recorrentes até hoje. O movimento "Escola sem Partido" propôs censurar discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas, alegando que seria "doutrinação". Isso gerou resistência contra a inclusão de temas LGBTQIAPN+ nos currículos, refletindo a discriminação ainda presente no Brasil.

Para Melo (2017) LGBTfobia caracteriza-se como a aversão, discriminação, preconceito ou hostilidade contra pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, intersexuais, queer, ou outras identidades não heteronormativas e não cisnormativas. Segundo o autor, esse preconceito pode manifestar-se de várias formas, desde insultos verbais, exclusão social, violência física, até a negação de direitos civis e humanos básicos.

A LGBTfobia está enraizada em normas sociais e culturais que privilegiam a heterossexualidade e a cisgeneridade como padrões de normalidade, enquanto marginalizam ou patologizam identidades e orientações de gênero diversas. Esse preconceito também se expressa nas instituições (como o sistema jurídico, educacional e de saúde), contribuindo para a desigualdade de oportunidades e o aumento da vulnerabilidade dessa população a diversas formas de violência e exclusão.

Para tratar sobre o Estado e as instituições que reforçam o preconceito, Achille Mbembe (2018) pensou o conceito que Necropolítica refere-se ao uso do poder por Estados e instituições para decidir quem deve viver e quem pode morrer, expondo certas populações à morte, violência e abandono. Esse conceito vai além do controle da vida, e enfoca como determinadas vidas são tratadas como descartáveis ou indesejáveis. A necropolítica manifesta-se por meio de guerras,

genocídios, racismo institucional e políticas que negam acesso a direitos básicos, tornando a morte uma ferramenta de controle social e político.

A falta de combate e tratamento adequado sobre as questões de diversidade, gênero e LGBTfobia nas escolas são frutos da necropolítica. Para Melo (2017), o combate à LGBTfobia envolve a promoção da educação sobre diversidade sexual e de gênero, políticas de inclusão, proteção jurídica contra discriminação, e a construção de espaços seguros e acolhedores para todas as identidades de gênero e orientações sexuais.

A BNCC (2018) trata questões de gênero e diversidade sexual de forma transversal, priorizando o respeito às diferenças, a inclusão e a promoção dos direitos humanos. Embora não apresente um conteúdo específico sobre esses temas, o documento incentiva o combate a preconceitos e discriminações, promovendo valores como equidade de gênero e respeito à diversidade sexual. Esses temas são abordados principalmente em áreas como Ciências Humanas e Ciências da Natureza, sempre com foco na formação integral e cidadã dos alunos.

A BNCC (2018) propõe que o ensino de gênero e diversidade sexual ocorra de maneira interdisciplinar, integrando-se a diversas disciplinas e atividades escolares. A intenção é fomentar a reflexão crítica sobre normas sociais, desconstruir estereótipos de gênero e promover a inclusão de diferentes orientações sexuais, formando cidadãos conscientes, empáticos e respeitosos com a diversidade.

Ainda no campo acadêmico, a obra de Judith Butler teve grande influência nas discussões sobre gênero, oferecendo uma visão crítica e desconstruída das categorias tradicionais de identidade. Como vimos anteriormente, Butler (2007) propõe que o gênero não é uma essência biológica ou imutável, mas sim uma construção social performática, ou seja, um conjunto de atos e discursos repetidos que criam a ilusão de uma identidade estável. Sua teoria da "performatividade de gênero" sugere que ao desempenharmos certos papéis de gênero, estamos continuamente construindo e reforçando esses papéis.

A teoria de Judith Butler sobre a performatividade de gênero se conecta com as tirinhas de Laerte, pois ambas questionam a ideia de que o gênero é fixo ou biológico. Butler (2007) propõe que o gênero é uma construção social, reforçada por atos e discursos repetidos, algo que Laerte explora ao subverter papéis tradicionais de gênero em suas obras. Seus personagens frequentemente transgridem ou fluem entre identidades de gênero, refletindo a fluidez que Butler defende. Assim, tanto a teoria de Butler quanto as tirinhas de Laerte desafiam normas rígidas de gênero, propondo novas formas de identidade.

Esses conceitos influenciaram profundamente os movimentos feministas e LGBTQIAPN+ no Brasil, que passaram a questionar as normas rígidas que definem o que é ser homem, mulher ou outra identidade de gênero. No contexto brasileiro, as questões de gênero se entrelaçam com questões de raça e classe, complicando ainda mais as lutas por equidade e direitos. Segundo Pereira (2018), as mulheres negras, trans e travestis, enfrentam múltiplas opressões que tornam a sua busca por visibilidade e reconhecimento ainda mais desafiadora.

Sobre os desafios da equidade de gênero, Alves (2016), fala que muitos obstáculos estão sendo superados, mas que muito ainda precisa avançar. A busca pela igualdade de gênero é mais eficaz quando as demandas das mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ encontram apoio nas esferas de poder e contam com mecanismos que permitam sua participação política (ALVES, 2016). Para o autor, equidade de gênero é fundamental não só para o progresso social.

Em janeiro deste ano, o presidente Donald Trump reafirmou sua posição sobre questões de gênero ao declarar oficialmente o reconhecimento de apenas dois gêneros, masculino e feminino, no governo dos Estados Unidos. Através de uma ordem executiva, ele determinou que agências federais utilizassem o termo "sexo" em vez de "gênero" e que documentos oficiais, como passaportes, refletissem apenas o sexo atribuído ao nascimento. Essa medida gerou reações intensas, especialmente entre ativistas e defensores dos direitos LGBTQ+, que criticaram o impacto sobre a comunidade transgênero e a exclusão de identidades não binárias.

Atualmente, as questões de gênero no Brasil continuam a ser um campo de intensa luta política e social. Embora avanços significativos tenham sido feitos, como a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo e a inclusão de políticas públicas para pessoas trans, ainda há uma grande resistência conservadora. Butler (2003) destaca que o gênero é performativo e sujeito a transformações e oferece ferramentas teóricas importantes para compreender as mobilizações atuais que buscam desafiar e redefinir as normas de gênero e identidade no Brasil, ampliando o debate sobre direitos e respeito à diversidade.

4. VIDA E OBRA DE LAERTE COUTINHO

Laerte Coutinho² é uma das mais renomadas cartunistas e ilustradoras do Brasil, conhecida por seu trabalho inovador no campo do humor gráfico. Com uma carreira que começou na década de 1970, Laerte conquistou reconhecimento por suas charges e tiras de crítica social, abordando temas como política, cultura e comportamento. Porém, seu trabalho também se destacou por sua análise das

² Instagram: @laerteminotaura

X: @LaerteCoutinho1

questões de gênero, especialmente após sua transição de gênero, que trouxe à tona um novo olhar sobre as questões identitárias.

De acordo com Paulo Andrade (2017), Laerte iniciou sua trajetória como *crossdresser* (homem que usa roupas femininas, mas não necessariamente é homossexual) e posteriormente passou a se reconhecer como travesti e mulher transgênera, até se identificar atualmente como uma *mulher social* ou uma *mulher possível*, como ela mesma coloca.

Em uma entrevista ao programa *Roda Viva* em 2012, Laerte explicou que sua autoimagem de *crossdresser*, adotada aos 58 anos, foi uma maneira prazerosa de se conectar ao universo feminino. Sua preocupação era evitar a caricatura e buscar uma imagem natural. Laerte relatou que seus quadrinhos, especialmente o personagem "Hugo", a ajudaram nesse processo, refletindo sua experiência de se travestir de mulher e adotar a personalidade feminina de "Muriel". Inicialmente, ela não tinha consciência de que seu personagem tinha um tom "autoexploratório", mas, com a ajuda de uma amiga, percebeu essa conexão entre ficção e realidade, o que a levou a fortalecer essa relação com seus personagens e a usar o humor crítico para abordar as questões da transgeneridade.

Muriel, uma das personagens mais icônicas de Laerte, é uma mulher trans, que surge nas tiras da cartunista como uma representação que desafia as normas de gênero e questiona os estereótipos sociais.



Figura 1 - "Hugo/Muriel", personagem criada por Laerte

Fonte: https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/laerte/oa-laerte/?content_link=3. Acesso em: 10 jan. 2025.

Muriel é uma personagem complexa, com nuances que refletem as dificuldades e as contradições enfrentadas pelas pessoas trans na sociedade brasileira, além de oferecer uma visão mais humanizada e profunda sobre a experiência de ser uma mulher trans. Laerte (2017) afirma que ao criar essa personagem, propôs uma reflexão crítica sobre as questões de gênero e

sexualidade no Brasil, temas muitas vezes marginalizados na mídia e na arte popular.

Travestis e transexuais são pessoas dignas de serem consideradas humanas. Elas não estão fazendo palhaçada, elas não estão se exibindo. Elas estão usando a identidade feminina que correspondem ao desejo íntimo". (COUTINHO, 2012, RODA VIVA).

As tirinhas da personagem nascem em um contexto de maior visibilidade da própria autora em relação a temas de gênero e diversidade. A introdução de Muriel reflete a exploração de questões de identidade de gênero, especialmente no período em que a artista passou a discutir sua própria transição de forma mais aberta no ano de 2009.

A obra de Laerte é essencial para a discussão sobre gênero no Brasil, pois não apenas promove a visibilidade das pessoas trans, mas também questiona as normas rígidas que definem a identidade de gênero de forma binária. Sua trajetória e personagens como Muriel, cujas tirinhas serão analisadas neste trabalho, contribuem para o debate público, oferecendo uma perspectiva mais inclusiva e complexa sobre as experiências de pessoas trans e outras identidades de gênero. Dessa forma, a autora se tornou uma figura chave na luta pela igualdade de gênero e pelos direitos das pessoas trans, utilizando o cartum como uma poderosa ferramenta de transformação social.

5. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho segue as orientações de Antônio Carlos Gil (2002) para a elaboração de projetos de pesquisa, com foco em uma análise crítica e interpretativa das tirinhas de Laerte, considerando-as como um instrumento didático para a educação em diversidade e gênero no ensino médio. O objetivo central é analisar como as obras de cartunista, especialmente suas tirinhas com a personagem Muriel, podem ser utilizadas para promover uma reflexão sobre gênero, identidade e diversidade entre estudantes e leitores

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa. A pesquisa busca compreender como as tirinhas de ilustradora podem ser empregadas como ferramentas pedagógicas na formação de uma consciência crítica em relação às questões de gênero e diversidade. A análise focará no conteúdo das tirinhas, nas representações de gênero e nos discursos presentes nelas, com a intenção de identificar possibilidades para trabalhar a temática no ambiente escolar.

A abordagem metodológica adotada é a da Análise do Discurso, com base na teoria de Michel Foucault (1995), nos Problemas de gênero de Buthler (2007) e na noção de LGBTfobia de Melo (2017). A análise será realizada por meio de uma leitura crítica das tirinhas, identificando como as questões de gênero, identidade e

diversidade são representadas e problematizadas. A pesquisa tomará como base os conceitos de construção da subjetividade, gênero como construção social, performatividade de gênero e LGBTfobia, que servem como categorias de análise. Essas categorias permitirão uma compreensão das dinâmicas de poder, normatividade e resistência presentes nas tirinhas, e como elas podem ser utilizadas no contexto da educação em diversidade.

O objeto de estudo são duas tirinhas de Laerte, que envolvem a personagem Muriel, uma das suas mais emblemáticas criações. A escolha de Muriel se justifica por sua relevância no debate sobre a identidade de gênero e a diversidade sexual, temas centrais nas discussões sobre a educação em diversidade. As tirinhas serão selecionadas com base na sua capacidade de provocar discussões e reflexões sobre os conceitos de gênero, identidade e vivência LGBTQIAPN+. Busca-se aqui, verificar qual o potencial das tirinhas na educação do Ensino Médio

A análise será realizada por meio da leitura crítica das tirinhas selecionadas, a partir das seguintes categorias:

Tabela 2 - Procedimentos e Categorias de Análise

Categoria de análise	O que será observado
Construção da subjetividade	Como as tirinhas de Laerte, especialmente através de Muriel, abordam a construção da identidade de gênero e sexual, destacando o processo de subjetivação do sujeito e como ele é influenciado pelos discursos sociais e culturais.
Gênero como construção social	De que maneira as tirinhas abordam as normas sociais e culturais que definem o que é ser homem, mulher ou outras identidades de gênero. Busca-se identificar como Laerte desconstrói essas categorias e propõe novas formas de entendimento do gênero
Performatividade de gênero	As representações de gênero nas tirinhas à luz da teoria de Judith Butler, observando como os personagens performam o gênero e como essas performances questionam as expectativas normativas.
LGBTfobia	A forma como as tirinhas tratam a discriminação contra pessoas LGBTQIAPN+ e como elas podem servir como instrumentos de reflexão sobre a intolerância e a violência contra essa população.

Fonte: O autor; 2025

Através da leitura dessas tirinhas, busca-se compreender como questões relacionadas à construção da subjetividade e ao gênero como construção social são representadas, identificando as dinâmicas de poder e normatividade que atravessam as narrativas. As categorias de performatividade de gênero e LGBTfobia serão utilizadas para investigar como as tirinhas problematizam as normas sociais, reforçando ou contestando as concepções de "normalidade" e "desvio".

Além disso, o estudo pretende explorar como a LGBTfobia, especialmente a transfobia é tematizada nas tirinhas e de que maneira elas podem servir como instrumento didático para a educação em diversidade. A análise busca mostrar o potencial dessas narrativas para promover reflexões críticas no ambiente escolar, contribuindo para a inclusão e o combate à discriminação, além de fomentar a resistência a normas sociais excludentes

As principais limitações desta pesquisa residem na análise focada exclusivamente nas tirinhas de Laerte, o que pode não oferecer uma visão ampla sobre as representações de gênero em outras mídias ou quadrinhos. Além disso, a abordagem qualitativa traz subjetividade na interpretação, podendo gerar diferentes conclusões conforme a leitura do pesquisador (GIL, 2002). A limitação temporal também restringe a quantidade de tirinhas analisadas em profundidade. Mesmo assim, o estudo visa, por meio dessas tirinhas, promover a educação em diversidade de gênero no ensino médio, incentivando discussões críticas sobre identidade, sexualidade e normas de gênero.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

As duas tirinhas escolhidas, são representações provocativas e humorísticas sobre questões de gênero e identidade. A primeira tirinha aborda de forma irônica a pressão social para seguir normas de comportamento consideradas "normais", enquanto a segunda explora a confusão e desconforto que surgem quando uma pessoa não se enquadra nas expectativas binárias de gênero. A escolha dessas tirinhas se justifica pela profundidade com que tratam temas como construção da subjetividade, gênero como construção social, performatividade de gênero e LGBTfobia, todos relevantes para discussões sobre diversidade e respeito nas escolas.

Figura 02 - "Fomos descobertas..."



Fonte: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/a-construcao-dosujeito-transexual-feminino-m-tirinhas-de-laerte-coutinho.htm>. Acesso em: 13 de jan. 2025.

Na primeira tirinha de Laerte, a construção da subjetividade da personagem é intensamente explorada por meio da pressão social que ela sofre para se conformar aos padrões considerados "normais" pelo grupo ao seu redor. A resposta irônica "Eu não sou normal?" questiona essa imposição de normas, revelando como essas convenções sociais moldam a forma como as pessoas se percebem e se comportam. A personagem, ao questionar se não é normal, aponta a arbitrariedade e a rigidez das expectativas sociais, evidenciando que a "normalidade" é, na verdade, um conceito subjetivo e socialmente construído, que impõe uma uniformização das identidades.

Essa crítica está intrinsecamente ligada ao conceito de gênero como construção social, um dos pilares da teoria de gênero. Ao mostrar a personagem sendo rotulada de "anormal" por não se encaixar em um padrão específico, a ilustradora mostra como as normas de gênero são estabelecidas pela sociedade e como a diferença é vista não apenas como algo desviado, mas como uma ameaça ao status quo. Isso reforça a ideia de que o gênero não é uma característica natural, mas uma construção social, regulada e reforçada por normas que definem o que é considerado aceitável ou não.

A performatividade de gênero se manifesta de forma clara na tirinha, pois a personagem é imediatamente questionada sobre sua identidade e seu comportamento por não corresponder às expectativas de gênero da sociedade. Segundo Judith Butler (2003), a performatividade de gênero é a ideia de que o gênero não é algo que se é, mas algo que se faz, por meio de comportamentos, gestos e expressões repetidos. A personagem, ao ser questionada sobre sua "normalidade", revela como a sociedade vigia e penaliza as performances de gênero que não se alinham com o que é considerado convencional. Esse processo de vigilância social reflete a constante necessidade de validação das identidades de gênero por meio da repetição das normas.

A LGBTfobia também está presente na tirinha, especialmente na exclusão e rejeição que a personagem enfrenta. A marcação da personagem como "diferente" e, portanto, "indesejada", reflete a marginalização de pessoas LGBTQIAPN+ na sociedade. Essa marginalização não é apenas uma rejeição social, mas também uma forma de violência simbólica que coloca essas identidades fora da norma, gerando estigma e exclusão. A tirinha, ao abordar a pressão para se adequar a uma identidade de gênero hegemônica e a exclusão das pessoas que não se encaixam nesse padrão, faz uma crítica à forma como a sociedade legitima e reforça a discriminação contra as diversidades de gênero e sexualidade.

Figura 03 - "É proibido!"



Fonte: <https://balburdia.net/2021/11/11/vem-comigo-laerte-muriel-e-o-minotauro/>. Acesso em: 13 de jan. 2025.

Na segunda tirinha de Laerte, o conflito que surge entre a personagem e o funcionário do aeroporto expõe de maneira vívida como a identidade de gênero é construída socialmente e como essa construção pode ser desafiada pela rigidez das normas sociais. A troca constante entre "senhor" e "senhora" por parte do funcionário ilustra como as pessoas são frequentemente classificadas com base em indicadores visíveis de gênero, como a aparência, e como isso gera uma constante pressão para que as identidades sejam rigidamente categorizadas. A confusão gerada pela tentativa de enquadrar a personagem em uma dessas categorias binárias revela como a sociedade, em geral, insere os indivíduos em moldes predefinidos de gênero, que não admitem variação ou fluidez. A situação da tirinha, assim, expõe como as normas de gênero binárias são impostas como uma forma de controle social, que busca diminuir a complexidade das identidades humanas a duas opções fixas e opostas: masculino e feminino.

Essa rigidez está ligada diretamente ao conceito de gênero como construção social, pois o conflito ilustra como o gênero é uma imposição social, não uma característica intrínseca e fixa do indivíduo. O funcionário, ao tentar rotular a personagem de maneira definitiva, mostra a incapacidade de aceitar a fluidez do gênero e reforça a ideia de que, para a sociedade, a identidade de gênero só pode se encaixar nas categorias binárias convencionais. A confusão gerada pelo funcionário reflete a dificuldade da sociedade em lidar com a complexidade das identidades de gênero que não se alinham com essas normas rígidas, e também demonstra como essas normas são internalizadas de maneira tão profunda que até mesmo as tentativas de pessoas de se expressar fora delas são recebidas com confusão e desconforto.

A performatividade de gênero é evidenciada na tirinha pela tentativa do funcionário de "fixar" a identidade da personagem. A troca de pronome não apenas demonstra a dificuldade em compreender a fluidez de gênero, mas também revela o modo como as identidades de gênero são "feitas" na interação social, por meio da linguagem e das expectativas dos outros. Quando o funcionário se esforça para atribuir a identidade de gênero correta à personagem com base em sua aparência, ele revela a pressão para que as performances de gênero sigam um script socialmente aceito e estático. No entanto, a hesitação e a confusão geradas pela

personagem destacam a resistência e a flexibilidade das performances de gênero, sublinhando que o gênero é um processo dinâmico e negociado, não algo fixo ou determinado exclusivamente pela aparência externa.

A LGBTfobia se manifesta claramente na repetição das correções feitas pelo funcionário, que reflete um desconforto com a identidade da personagem e a constante invalidação da sua experiência. Essa repetição não é apenas uma correção linguística, mas uma tentativa de forçar a personagem a se encaixar em um padrão que não corresponde à sua identidade, refletindo a marginalização de pessoas trans e não-binárias. Essa insistência em corrigir a personagem, sem respeitar sua autodeclaração ou perceber a fluidez de sua identidade, é um reflexo de como as pessoas trans e não-binárias são constantemente desrespeitadas e forçadas a justificar suas identidades. A situação traz à tona o estigma e a violência simbólica que essas pessoas enfrentam diariamente, sendo invalidadas e colocadas em uma posição de subordinação social e emocional por não se conformarem às expectativas de gênero normativas.

Ambas as tirinhas oferecem ricas oportunidades para o trabalho pedagógico em sala de aula, proporcionando um espaço para discussões profundas sobre questões de identidade e inclusão. A primeira tirinha, ao questionar o conceito de "normalidade", pode ser utilizada para promover reflexões sobre como as normas sociais constroem categorias de aceitação e exclusão, estimulando os alunos a pensar sobre os processos de marginalização de pessoas LGBTQIAPN+. Esse exercício pode gerar debates importantes sobre os preconceitos e estigmas que cercam essas identidades, incentivando a empatia e a conscientização sobre a necessidade de inclusão e respeito às diferenças.

Já a segunda tirinha pode servir como ponto de partida para uma reflexão sobre o respeito às identidades de gênero, abordando de forma sensível os desafios enfrentados por pessoas trans e não-binárias. A situação da personagem, que é constantemente desafiada em sua identidade, permite que os educadores conduzam discussões sobre a importância da escuta ativa, do reconhecimento das identidades de gênero de cada indivíduo e do combate à violência simbólica e à transfobia. Ao tratar dessas questões, os educadores têm a oportunidade de fomentar um ambiente escolar mais inclusivo, empático e respeitoso, onde a diversidade de gênero é não apenas reconhecida, mas também celebrada.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tirinhas de Laerte têm um potencial significativo para o ensino no ensino médio, especialmente no que tange à reflexão crítica sobre diversidade, identidade de gênero e preconceito. A autora utiliza o humor de maneira sofisticada e incisiva para abordar questões que, muitas vezes, são vistas como delicadas ou desconfortáveis. Esse tipo de abordagem, que mistura leveza com profundidade, permite que os alunos se aproximem de temas complexos de maneira acessível, sem abrir mão da reflexão crítica. Ao questionar as normas sociais que sustentam as categorias de "normalidade" e "anormalidade", a cartunista provoca uma reavaliação

do que entendemos por identidade de gênero e como a sociedade impõe essas construções.

A principal força das tirinhas para o ensino médio reside na sua capacidade de estimular discussões sobre a construção social do gênero. Muitas vezes, os alunos têm suas concepções de identidade e gênero moldadas por estereótipos e normas preconceituosas. Através de suas personagens e das situações em que se encontram, as tirinhas tornam essas construções visíveis e desafiadoras, permitindo que os alunos questionem padrões e reflexões preconceituosas que cercam o entendimento do que é "normal" ou "aceitável". Ao trazer personagens que enfrentam desafios devido às expectativas de gênero impostas pela sociedade, Laerte abre uma janela para debates sobre como a estrutura de gênero é artificial e imposta, o que é fundamental para o desenvolvimento de uma visão mais inclusiva e crítica.

As tirinhas também são eficazes para tratar a performatividade de gênero de forma acessível. Ao mostrar personagens que são desafiados por não atenderem aos padrões convencionais de gênero, a ilustradora ilustra como as pessoas são constantemente avaliadas, moldadas e até marginalizadas por suas performances de gênero. Esse conceito, desenvolvido por Judith Butler, é essencial para que os alunos compreendam que o gênero não é uma essência, mas sim uma construção social que se expressa nas ações cotidianas. Essa compreensão abre caminho para uma análise mais crítica das dinâmicas de poder envolvidas na imposição dessas normas e no controle social das identidades de gênero.

O ensino através das tirinhas também possibilita uma aproximação mais dinâmica com os temas de LGBTfobia e discriminação. As situações de marginalização e rejeição vivenciadas pelas personagens de Laerte podem ser ponto de partida para reflexões profundas sobre como essas atitudes afetam a vida de pessoas LGBTQIAPN+. Com essa abordagem, os alunos têm a oportunidade de vivenciar, de forma simbólica e acessível, a exclusão social a que muitas dessas pessoas estão sujeitas, e isso pode fomentar um senso de empatia e compromisso com a luta contra a discriminação.

As atividades práticas propostas com as tirinhas – como a criação de novas tirinhas, redação de reflexões e debates sobre as situações apresentadas – ajudam os alunos a se tornarem mais ativos nesse processo de aprendizado. Ao desenharem suas próprias narrativas, os estudantes podem refletir sobre como combater as normas preconceituosas e contribuir com ideias inovadoras para um ambiente mais inclusivo e respeitoso. Além disso, essas atividades desenvolvem habilidades importantes, como a criatividade, a comunicação e a resolução de problemas, ao mesmo tempo em que aprofundam a compreensão crítica sobre a diversidade.

O uso das tirinhas de Laerte como ferramenta didática também pode ser integrado a outras práticas pedagógicas, como a análise de textos acadêmicos, discussões sobre políticas públicas de inclusão e a realização de estudos de caso

que relacionem a teoria com a prática. Essas conexões ajudam a solidificar o aprendizado teórico e fazem com que os alunos percebam a relevância dessas questões no mundo real. Ao trabalhar com as tirinhas, os educadores têm a oportunidade de criar um ambiente escolar mais inclusivo, acolhedor e respeitoso, e ao mesmo tempo, propiciar um espaço para a formação de cidadãos críticos e conscientes, comprometidos com a construção de uma sociedade que respeita e valoriza a diversidade de identidades.

Dessa forma, as tirinhas de Laerte não apenas funcionam como recursos educativos, mas como poderosos agentes de transformação social dentro da sala de aula. Elas propõem uma reflexão constante sobre como podemos, enquanto sociedade, superar a rigidez das normas de gênero e construir um mundo mais inclusivo, onde todas as identidades sejam respeitadas.

Para os próximos passos dessa pesquisa, será realizado um trabalho com a Linguística Aplicada. Através da análise das escolhas linguísticas, das representações discursivas e das interações nas tirinhas, a LA permitirá investigar como esses elementos influenciam a percepção dos alunos sobre identidade e normas sociais, promovendo uma reflexão crítica. Além disso, a LA pode oferecer ferramentas para compreender como os alunos interpretam e respondem às situações de gênero e LGBTQIAPN+ nas tirinhas, o que pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e contribuir para a criação de um ambiente escolar mais inclusivo e reflexivo. Ao integrar a Linguística Aplicada, o trabalho pode ampliar seu alcance pedagógico, facilitando a abordagem de temas sensíveis de forma acessível e crítica.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. **Memória e produção discursiva do sentido**. In: ACHARD, Pierre. [et al.]. Papel da memória. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas. SP: Pontes, 1999.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas para uma investigação)**. In: ZIZEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto. 1996

ALVES, José Eustáquio Diniz. **Desafios da equidade de gênero do século XXI**. Estudos Feministas, Florianópolis, 24(2): 292, maio-agosto 2016.

ANDRADE, Paulo. **Laerte: heroína trans ou homem vestido de mulher?** *Jornal da USP*, 26 jun. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/laerte-heroina-trans-ou-homem-vestido-de-mulher/>. Acesso em: 01 jan. 2025.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 151-172.

CARRARA, Sérgio. **Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo**. *Mana*, v. 21, n. 2, p. 323-345, 2015.

DERING, Renato; JANUARIO, Brendaly; SANTANA, Márcia. **Uma proposta didática para trabalhar questões de gênero no ensino médio por meio das tirinhas de Laerte**. In: *Anais do V Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: (en)volver*. Anais...Goiânia(GO) On-line, 2022. ISSN 2595-8992. DOI 10.29327/1203597. Disponível em: <<https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/p/44606-2022-v-sipacv>>. Acesso em: 29 de dez. de 2024.

FERNANDES, Cleudemar Alves e SANTOS, João Bosco Cabral dos (Orgs.). **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

_____. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012, p.46-71.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o Poder**. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995, p.231-246.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **História da Sexualidade: a vontade de saber (vol.1)**. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Estratégia, Poder- Saber (Ditos e Escritos IV)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do Discurso**: lugar de enfiamentos teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar, SANTOS, J.B.C Teorias Linguísticas: Problema Contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2003.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). **Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil – 2022**. Salvador: GGB, 2022. Disponível em: <http://www.ggb.org.br>. Acesso em: 05 de jan. de 2025.

JUNQUEIRA, Rogério. **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2007.

LAERTE. **Entrevista ao programa Roda Viva**. Rede Cultura, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j5hXQDThUiA>. Acesso em: 01 jan. 2025.

LAERTE-SE. Direção de Lygia Barbosa da Silva e Eliane Brum. Produção de Lygia Barbosa da Silva e Eliane Brum. Roteiro: Eliane Brum, Lygia Barbosa da Silva, Raphael Scire, Nani Garcia. 2017. (100 min.), son. color. Legendado.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes. 1997

_____. **Corpo, gênero e sexualidade**: uma reflexão contemporânea. Educação & Realidade, v. 25, n. 2, p. 31-54. 2000.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELO, I. F. **Breves notas históricas sobre sexualidades e identidades de gênero periféricas**: o alvorecer do movimento LGBT no mundo. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 10, n. 14, 2017.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso - AAD-69**. In: GADET, F.; HAK, T. (org). Por uma análise automática do discurso. 3 ed. Campinas: Ed. Unicamp, p. 61-162. 1997

PEREIRA, Cleyton. **Conexões entre os movimentos Feminista e LGBT no Brasil**. In: Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, v.31, n.1, jan./jun. 2018.

SILVA, Joseli Maria. **Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano**. Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 44, p 117-134, jul./dez. 2007.